

JORNAL: Revista Senhor n.º 56 LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 110 11963 AUTOR: Ferreira Gullar

TÍTULO: A volta da Figura

ASSUNTO: Ivan Serpa na Tenreiro

1963 outubro ANO 5 Nº 56  
SENHOR

Arte

### A VOLTA DA FIGURA

O retôrno à figura já se pode dar como fato consumado na pintura, no Brasil e fora do Brasil. Se é fato que a grande maioria de artistas ainda se mantém fiel ao abstracionismo (tachismo, informalismo, etc), os sintomas de que a figura voltará a predominar são bastantes palpáveis.

As três últimas exposições realizadas, entre agosto e setembro, no Rio, demonstram isso. Referimo-nos às exposições de Ivan Serpa, na Galeria Tenreiro, Shiro Tanaka, na Petite Galerie, e de quatro jovens pintores argentinos na Galeria Bonino. Cada qual num rumo próprio, êsses artistas derivam, tímida ou rudemente, para a renegada aparência figurativa do mundo.

Mas, não exageremos. O mundo real, as formas cotidianas, ainda não aparecem nas obras dêsses pintores, uma vez que a sua pintura se encontra numa etapa de transição, entre as formas dissolutas do tachismo e o esbôço ainda vacilante de formas identificáveis.

Todos êsses artistas vieram da pintura de manchas, e é das manchas mesmo que as figuras vão surgindo, como quem descobre na parede esburacada ou no muro coberto de musgo, formas deformadas de coisas e seres conhecidos. Trata-se de uma identificação fisiognômica, muito comum entre as crianças, os loucos e os primitivos.

Era natural que o retôrno à figura, por parte de artistas ligados ao tachismo ou ao informalismo, se desse assim. Aquelas tendên-

# BALAIÃO

cias pictóricas caracterizam-se pelo extremo subjetivismo, pela preponderância de cegas forças irracionais no ato de realização da obra. Assim, o caminho para a figura significa o caminho da subjetividade para a objetividade, e se faz nestes casos, dificilmente, através da emersão progressiva das formas.

No fundo, o que todos êsses artistas procuram, ao se sentirem puxados para o mundo exterior, é manterem-se, tanto quanto possam, ligados àquela dimensão obscura, semiconsciente, donde acreditam fluir todo o significado de suas obras. Em função disso, as "figuras" que descobrimos em seus trabalhos atuais ainda não pertencem ao nível diurno da realidade. São seres ambíguos, incompletos, monstruosos ou, nos casos mais avançados, figuras humanas deformadas pelo sarcasmo. Os elementos que definem a objetividade do mundo exterior ainda não se encontram presentes nessas obras.

Não obstante, acreditamos não errar quando afirmamos que a próxima "onda" pictórica a tomar as galerias e as mostras internacionais será de caráter figurativo. Com isso, pode-se recommençar o círculo vicioso da pintura contemporânea, sempre comprometida com a recusa à realidade, ou, quem sabe, caminhar-se para a redescoberta das forças generosas da criação, identificada com o destino de todos os homens e não apenas com problemas "artísticos" de minorias.

Ferreira Gullar